



RESENHA: FONTANA, Vanessa Furtado. *A fantasia na fenomenologia de Husserl*. Porto Alegre: FI, 2022, 243 p, ISBN: 978-65-5917-377-8 / DOI: 10.22350/9786559173778

Husserl, nas trilhas da fantasia

Husserl, on the path of phantasy

RUDINEI COGO MOOR¹

PRISCILA DE MELO ZUBIAURRE²

Publicado em 2022 pela Editora FI, resultado da tese de doutorado realizada por Vanessa Furtado Fontana, o livro *A fantasia na fenomenologia de Husserl* investiga a fantasia como um conceito chave para pensar sua originalidade e posição estratégica na fenomenologia husserliana, enquanto idealismo filosófico. O trabalho dedica-se ao esclarecimento e rastreamento do conceito de fantasia nos trabalhos de Husserl, levando em consideração um exame genealógico de seu despontamento na história da filosofia em contraste com elementos temporais, metodológicos e ontológicos da fenomenologia.

Apresentado por Pedro M. S. Alves, o livro sublinha e defende a superioridade do fantasiar em relação aos demais atos da consciência, sobretudo, da percepção. A autora adverte que isso não se deve a uma leitura possível de Husserl, mas mostra que é a própria orientação transcendental da fenomenologia em sua busca de fundamentação. A fenomenologia transcendental tem por tarefa explicitar a estrutura da consciência e descrever as essências, nas conexões intencionais de sentido do eu puro. A fantasia, por sua vez, tem um papel decisivo na apreensão das essências, compreendendo-as como uma parte fundamental do método fenomenológico, como “variação eidética”. Neste caso, a fantasia é usada para intuir características essenciais e invariáveis dos elementos da experiência, tanto dos atos cognitivos quanto dos

¹ Mestre em Filosofia. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista Capes. E-mail: rudimoor@yahoo.com.br.

² Psicóloga e residente em Atenção à Saúde Mental pelo Programa de Residência Multiprofissional e Integrada da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: zubiaurrepriscila@gmail.com.

objetos experienciáveis, desprendendo-se das propriedades que não são essenciais para seu sentido.

Estruturado em três capítulos, a via investigativa escolhida pela autora fornece ao leitor as chaves de compreensão da fantasia, entendendo-a como um modo autêntico de conhecimento. Distanciando-se das interpretações modernas, que viam a fantasia apenas como uma representação da percepção, a fenomenologia instaura-a como um tema central capaz de elucidar e unificar a estrutura da consciência de modo livre, em relação ao físico ou à percepção. Por isso, é extremamente relevante notar a escolha da autora pelo termo fantasia ao invés de imaginação, preferido pelos modernos. Para Husserl, este último está relacionado a um modo intencional de captar imagens físicas e consciência figurativa de imagem. A fantasia não está subordinada ao físico ou à percepção, mas possui um caráter livre da posição de existência e crença. Fato que lhe permite construir e criar além da interpretação prática e existencial. Já na introdução, a autora apresenta quatro conceitos básicos para definir o conceito com sua atitude e ficção: ela é consciência intencional, intuitiva, presentificação e neutralização.

No primeiro capítulo, a autora perpassa alguns dos manuscritos de Husserl, realizando uma reconstrução genealógica da história da fantasia. Intitulado “*Historicidade e genealogia da presentificação da fantasia*”, o capítulo mostra as mudanças do conceito através de quatro períodos históricos, procurando estabelecer um diálogo que o próprio Husserl faz com os filósofos modernos: Descartes, Hume e Kant. Estes filósofos têm em comum o fato de não considerarem o tema da imaginação como um modo de conhecimento do mundo. A autora, neste percurso, mostra que diferentemente da tradição moderna, a fenomenologia trata a fantasia como uma consciência intencional, cuja ação constituinte e intuitiva, dá-nos um conteúdo próprio de seu modo de realização, passível de ser apreendido de modo transcendental e ontológico.

Destaco um dos trechos do livro em que a autora analisa sobre o “primado da percepção”. Na obra *A Ideia da Fenomenologia*, Husserl destaca que, para a apreensão de essências, a posição de existência é irrelevante. Para ele, “a percepção e a representação da fantasia estão no mesmo pé de igualdade; a partir de ambas se pode destacar igualmente bem e abstrair a mesma essência” (1986, p. 99). Conforme a leitura crítica efetuada pela autora do livro, o primado da percepção vem de uma interpretação de Heidegger, em que a fantasia estaria limitada numa faculdade restrita a “imagem-cópia” da realidade. Diferente disso, “a fantasia tem seu próprio modo de intencionar o mundo, e sua particularidade está em atentar o mundo por via da possibilidade ou do quase” (FONTANA, 2022, p. 72). O que diferencia, portanto, fantasia e percepção é o modo de intencionar o mundo. “A fantasia é um ato modificado, isto significa que houve uma modificação do ato originário, no caso do

ato perceptivo. No perceber a intenção coloca o objeto como existente” (FONTANA, 2022, p. 79).

No segundo capítulo intitulado “*A originalidade da fantasia: temporalidade*”, a autora mostra porque a fantasia deve ser considerada um conceito original na história da filosofia. Através da abordagem temporal da consciência, a fantasia é descrita como presentificação intuitiva. “A presentificação significa uma quase apresentação (*Gegenwärtigung*) ou percepção, a fantasia é um retorno reduzido ao presente, um retorno da consciência fantástica em *como se*” (FONTANA, 2022, p. 139, grifo da autora). Em sua forma temporal, a percepção, como doação originária do mundo, é entendida como presente, base essencial para pensar tanto o passado quanto o futuro. De modo geral, a autora analisa como a vivência da fantasia se relaciona com o tempo. No caso do passado, por exemplo, como a recordação entra no tema da fantasia e se é possível uma fantasia reprodutiva.

No último capítulo, “*Fantasia e metodologia: neutralização*”, Vanessa trabalha com o conceito de neutralização. A fantasia é um ato de neutralização, e isso significa que ela é uma consciência modificada, pois tem sua posição de existência neutralizada. Sua orientação se dá como livre execução na abertura de mundos fantásticos possíveis, sem o condicionamento existencial. A modificação de neutralização é um tema relevante para compreender a fantasia. De um lado, a neutralização tem uma característica universal, suspendendo todas as vivências dóxicas sobre a tese geral da existência do mundo. Por outro lado, opera uma mudança relativa à fantasia, do olhar intencional da percepção para uma modificação da consciência do presente. Em suma, “uma é método de neutralizar, a outra é intencionalidade neutralizada em busca dos dados possíveis abertos no mundo de fantasia. A modificação de neutralidade universal não é um ato, mas um método [...]. Já a fantasia é consciência que aplica esse método” (FONTANA, 2022, p. 191).

A fenomenologia transcendental de Husserl poderia ruir, caso não fosse o método fenomenológico e a possibilidade de trabalhar com as essências de modo independente ao empírico. Eis porque a fantasia é um tema extremamente relevante. Ela consegue articular esses dois campos a partir de si mesma. Com relação ao método, “fantasiar enquanto neutralidade é um ato de se abster, de não tomar posição, não tematizar, se abster de tematizar” (FONTANA, 2022, p. 193). A fantasia com independência empírico-existencial e na sua orientação do “como se”, trabalha com um campo noético-noemático privilegiado de visão e descrição de essências, sem o qual não se teria progresso nas pesquisas fenomenológicas, caso não fosse possível demonstrar sua possibilidade.

Num momento em que se discute sobre a naturalização da fenomenologia de Husserl, esta obra mostra a autonomia da fantasia, como um conceito que resiste a tentativa de retroceder a uma certa concepção naturalista de mundo. O campo transcendental, que contém os polos intencionais de eu puro e dos objetos puros, é o

lugar privilegiado da fantasia, pois ela é uma intencionalidade de uma consciência pura. Seus objetos são irreais (ficcionalis) em contraposição aos reais, mas não por isso menos relevantes. Ao contrário, ao se orientar pela fantasia, a fenomenologia não está negando o mundo, mas apreendendo no “como se”, como um modo da possibilidade pura. Ao tomar posição pela fantasia não se está, de modo algum, refutando a percepção. Fica, entretanto, evidente que a fantasia não pode ser vista como algo secundário.

Por fim, o livro, além de ser uma leitura de suma importância para quem quer entender os fundamentos da fenomenologia transcendental de Husserl, ele pode interessar todos aqueles que, independentemente se estudam ou não fenomenologia, procuram entender o que é a fantasia, como ela opera e sua relevância para o campo da pesquisa e criação artística e científica. Embora a terminologia da fenomenologia seja de difícil assimilação, o livro é bem escrito e procura ser muito claro quanto aos termos usados. Isto facilita uma leitura fluida, sem deixar de lado a rigorosidade.

Referências

FONTANA, V. F. *A fantasia na fenomenologia de Husserl*. Porto Alegre: FI, 2022.

HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.